

FACES DA TRADUÇÃO COMENTADA *Facets of Commented Translation*

Luana Ferreira de Freitas¹, Marie-Helene Torres², Walter Carlos Costa³

Este número da *Revista de Letras* da UFC, dedicado à tradução comentada, conta com 25 textos. Eles compreendem traduções comentadas de poemas, contos, capítulos de livros, ensaios e artigos, além de uma resenha.

A prática da tradução comentada é bastante antiga e remonta a diferentes culturas e tradições. No contexto ocidental, é possível identificar a presença de traduções comentadas em textos sagrados, como a Bíblia e o Alcorão, por exemplo. Essas traduções eram elaboradas por estudiosos religiosos, que buscavam tornar os textos sagrados mais acessíveis e compreensíveis para seus seguidores.

A tradução comentada é um gênero acadêmico-literário (Torres, 2017, p. 18), que consiste na tradução de um texto acompanhada de comentários, notas explicativas e/ou críticas por parte do tradutor-pesquisador e que possui algumas características como:

- O caráter autoral: o autor da tradução é o mesmo do comentário;
- O caráter metatextual: na tradução comentada incluída a própria tradução por inteiro, objeto do comentário; a tradução está dentro do corpo textual (o texto dentro do texto);
- O caráter discursivo-crítico: o objetivo da tradução comentada é mostrar o processo de tradução para entender as escolhas e estratégias de tradução do tradutor e analisar, entre outros, os efeitos ideológicos, políticos, literários, dessas decisões;
- O caráter descritivo: todo comentário de tradução parte de uma tradução existente e, portanto, reflete sobre tendências tradutórias e efeitos ideológico-políticos das decisões tradutórias;
- O caráter histórico-crítico: todo comentário teoriza sobre uma prática de tradução, alimentando, dessa forma, a história da tradução e a história da crítica de tradução.

Antoine Berman, em *A prova do estrangeiro* (2002), tenta delimitar o campo de ação da tradução e do comentário e situa a tradução como o espaço da leitura original e singular pela qual

¹ Professora da Universidade Federal do Ceará. E-mail: luanafreitas.luana@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0165-421X>
Bolsista de produtividade do CNPq – PQ.

² Professora da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: mariehelenetorres@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0001-9263-0162>. Bolsista de produtividade do CNPq – PQ.

³ Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: walter.costa@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-5853-0950>.
Bolsista de produtividade do CNPq – PQ.

um tradutor transplanta um texto em outra cultura, iniciando uma nova recepção do autor que ele traduz em outro sistema literário e cultural. Berman considera que não existe comentário sem interpretação, ou seja, que está se incluindo numa nova categoria de escritos junto ao comentário: a dos textos considerados como segundos em relação a textos considerados como primeiros. Ele entende o comentário como glosa, como esclarecedor de sentido, de figura e de interpretação ao redor de um texto.

Ampliando o conceito, podemos afirmar que a tradução comentada analisa e comenta textos já traduzidos, por outros tradutores ou não, nos quais o comentário geralmente teoriza e explicita o processo de tradução, os modelos de tradução e as escolhas e decisões feitas pelos tradutores.

Para Antoine Berman, é necessário que a tradução saiba assumir uma função especulativa, para que ela se torne “crítica e comentário de si mesma”. Berman (1986, p. 105-106) diz ainda que “onde a tradução termina (e toda tradução conhece um ponto ‘final’) começa o comentário”.

Esses comentários visam a aprofundar não somente a compreensão do texto, elucidando questões de ordem linguística, cultural, histórica, literária e/ou tradutória, como são apreendidos como glosas (comentários de teor explicativo) de um texto traduzido, o outro original.

Abre o número o artigo “Três sonetos de Adam Mickiewicz: traduções comentadas”, de Marcelo Paiva de Souza. Como o título sugere, o artigo apresenta a tradução comentada de três sonetos do poeta que foi o iniciador do romantismo em língua polonesa e é também considerado como o maior poeta do século XIX polonês. Nos sonetos, aparecem palavras que ganharam uma dramática atualidade, como Crimeia e Odessa. Paiva reconstrói o contexto histórico e pessoal e a força da poesia de Mickiewicz, assinalando sua pequena, mas valiosa presença entre nós por tradutores do porte de Machado de Assis, no século XIX e Paulo Leminski, no século XX. Partindo dessas duas breves in-traduições pioneiras do universo mickiewicziano, o autor retoma uma primeira contribuição sua à recepção do poeta polonês no Brasil em uma publicação comemorativa de 1998, por ocasião de seu bicentenário, organizada por Henryk Siewierski, o mais importante especialista e tradutor da literatura polonesa no Brasil. Ao longo do artigo, Paiva esmiúça, com ajuda de críticos e do teórico russo da tradução poética Efim Etkind, a criação em polonês e a sua recriação em português brasileiro de uma poética marcada por um “uso sutilmente não-convencional ... da convenção” e pela mescla de “reverência e irreverência em face das regras do gênero [soneto]”.

Em “Dois poemas de Margaret Atwood em tradução”, Carolina Paganine traz a tradução comentada de poemas de Margaret Atwood sobre a figura da mulher em relação com a fotografia e o espelho. Paganine traduz e comenta os dois poemas do ponto de vista temático (representação da mulher), político (enfoque feminista) e de procedimentos poéticos (jogos de sons, *enjambements*, verso livre) e retóricos (ambiguidade). Depois de retrazar o percurso poético de Atwood e examinar a recepção crítica de seus poemas traduzidos para o português brasileiro, Paganine, com o auxílio de reflexões de Álvaro Faleiros, Paulo Henrique Britto e da própria Atwood, apresenta sua leitura e tradução dos poemas “This is a Photograph of Me” e “Tricks with Mirrors”. Nessa leitura, ressalta a preocupação em recriar certos aspectos poéticos, como o ritmo, e reforçar um aspecto ideológico, a postura feminista da autora canadense.

O ritmo também é central em “Tradução de *Leaves of Grass* de Walt Whitman: o ritmo do português brasileiro (acentual, silábico?) e a possibilidade de manter o número de sílabas do original inglês”, de Daniel Garcia e John Milton. Baseados em autores como Péricles Eugênio da Silva Ramos e alguns estudos linguísticos recentes, Garcia e Milton acreditam que o português brasileiro é uma “língua de ritmo acentual e silábico-acentual, e não puramente silábico”. A partir desse pressuposto, exploram as possibilidades dessa “identidade rítmica entre o inglês e o portu-

guês” na tradução do verso livre de Whitman para o português brasileiro. O *corpus* utilizado é o “Poema 1” de *Song of Myself*, do volume *Leaves of Grass*, de Walt Whitman. Os autores comparam a quantidade de sílabas poéticas do texto fonte com a quantidade de sílabas poéticas das traduções de Péricles Eugênio da Silva Ramos (1961), Geir Campos (1963), Rodrigo Garcia Lopes (2005), Bruno Gambarotto (2011) e da tradução que eles próprios apresentam. Garcia e Milton completam o artigo com um comentário detalhado sobre as escolhas tradutórias da versão deles para o “Poema 1”, levando em consideração, além da quantidade de sílabas, aspectos considerados essenciais na tradução poética por Paulo Henriques Britto e Antoine Berman.

Em “Desafios e perspectivas na tradução do poema *The Temple of Nature*, de Erasmus Darwin”, Eduardo de Almeida Navarro e Gabriel Vasto Laurindo de Masi apresentam a tradução comentada de um excerto do “Canto I” do livro *The Temple of Nature or The Origin of Society: a poem with Philosophical Notes*, publicado em 1803. Avô de Charles Darwin, médico, inventor, pensador, Erasmus Darwin deixou importante obra poética, que mistura ciência, filosofia e literatura. Em sua tradução comentada, Navarro e de Masi dedicaram particular atenção ao léxico especializado e procuraram recriar igualmente os procedimentos poéticos, em termos de ritmo, rimas e jogos sonoros.

Em “Pensar Ameríndia em uma poética do traduzir Ayvu Rapyta”, João Paulo Ribeiro faz a tradução comentada de trechos de três cantos sagrados em língua Mbyá-Guarani contidos no *Ayvu Rapyta: Textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá*, de León Cadogan. Versos traduzidos por Ribeiro como “Yvára saber-ser-que-há luzindo olho” e “yvára entre a mão florilhando pontas” já seriam, por si só, razão para a leitura do artigo. Mas o autor vai muito além, esmiuçando cada verso, cada palavra, cotejando sua tradução não apenas com o texto-fonte, mas também com trechos de outras traduções, enriquecendo, dessa forma, a experiência do leitor.

“Um pouco da poética de Guillaume Apollinaire: *O cavalo, Zona* e o caligrama do cavalo”, de Maria Sílvia Cintra Martins, traz traduções comentadas de três poemas de Apollinaire. Inspirando-se na poética de Henri Meschonnic, Martins recria em português brasileiro esses poemas, discutindo os detalhes de suas opções tradutórias, oferecendo uma solução pessoal em cada caso, baseada em seu conhecimento do poeta e enfatizando o ritmo que, lembra, “não descarta a métrica, mas não se reduz a ela”.

Em “Tradução comentada da poesia em Libras de *A abelha policial*, de Rodrigo Custódio para o português”, Victor Hugo Lima Nazário e Neiva de Aquino Albres partem de uma perspectiva bakhtiniana, devidamente amparados em uma sólida bibliografia de tradução comentada e de tradução literária de línguas de sinais. Eles dividiram o texto fonte em língua de sinais em seis unidades e, depois de uma análise e seguidas leituras e releituras, elaboraram sua proposta tradutória, que ilustram em diferentes quadros. Cabe assinalar que os tradutores optaram por uma “uma linguagem informal e bem-humorada”.

Em “Tradução comentada de arcaísmos nas cartas de Mariquita Sánchez”, Claudio Luiz da Silva Oliveira apresenta sua tradução pioneira da grande missivista argentina do século XIX, tema de sua tese de doutorado. No artigo, Claudio se detém no exame dos arcaísmos do texto-fonte, que ele procurou recriar em seu português brasileiro. Entre os teóricos da tradução que embasaram sua pesquisa está o clássico e ainda pouco explorado Jiří Levý.

Karine Simoni e Karla Ribeiro são as autoras de “Filippo Sassetti (1540-1588), um florentino a serviço das grandes navegações: tradução comentada e anotada do italiano ao português da carta XCV”. O artigo é parte de um projeto maior, que contempla a tradução de todo esse epistolário de Sassetti. As autoras, depois de uma minuciosa contextualização “biográfico-crítica” do autor, concentraram seus comentários nas formas de tratamento e em questões lexicais e sintáticas.

Natalia Ferrigolli Dias de Souza Campos e John Milton partem da sua tradução do romance *Castle Rackrent* (1800), de Maria Edgeworth (1768-1849), escritora irlandesa. Campos e Milton lançaram mão da descrição fonética na sua tradução e priorizaram a utilização de marcadores culturais para questões próprias da Irlanda, priorizando, pois, um texto estrangeirizante. No artigo, os autores tratam da tradução dialetal do inglês hibernico no romance, especialmente de um verbete específico (“Whillaluh”) no glossário assinado por um editor fictício que acompanha o romance.

Kamila Moreira de Oliveira de Lima, Luana Ferreira de Freitas e Walter Carlos Costa assinam a tradução de “On Translating Homer”, uma das três conferências proferidas por Mathew Arnold e Francis Newman sobre a tradução de Newman da *Iliada*. De acordo com Lima, Freitas e Costa, as outras duas conferências serão traduzidas e publicadas oportunamente. Além da tradução em si, os autores fazem uma breve apresentação de Arnold e da conferência, acrescentando algumas notas sobre a tradução. Em sua tradução, Lima, Freitas e Costa buscaram manter o ritmo do texto-fonte, marcado sobretudo por parágrafos e períodos muito longos e uma pontuação heterodoxa.

Lenita Maria Rimoli Pisetta assina a tradução comentada de “Sleeping Mask”, conto da coletânea *Sleeping Mask: Fictions*, publicada em 2017. O autor, Peter LaSalle, professor da Universidade do Texas, é autor premiado de romances, contos e literatura de viagem. Seus textos em que explora países e suas literaturas (no Brasil, escolheu o modernismo) fazem parte da antologia *The Best American Travel Writing*. Em sua tradução, Pisetta tem como norte a manutenção do estilo do autor, em especial, seus períodos longos, as descrições minuciosas e o caráter onírico da narrativa. O resultado é uma tradução caracterizada pela escolha lexical precisa e por um ritmo marcado não apenas por períodos longos, mas também pela alternância entre parágrafos longos e curtos, como ocorre no texto-fonte.

Em “Cenas de experiências haitianas, com Yanick Lahens: Ensaio de uma tradução”, Maria Angélica Deângeli e Juliana Furquim propõem uma tradução comentada e anotada do conto “Une histoire américaine”, da coletânea *La petite corruption* (1999), da escritora haitiana Yanick Lahens. Deângeli e Furquim elegem a dimensão ética bermaniana como guia para a sua prática tradutória, “respeitando o texto estrangeiro e (re)imaginando uma escrita em nossa língua materna”. Assim, as autoras produzem um texto com atenção especial à escolha lexical e ricamente anotado.

Marlova Aseff assina a tradução comentada do conto “Nadie encendía las lámparas”, do escritor uruguaio Felisberto Hernández. Aseff entende e defende a tradução como reflexão e acredita que, dessa forma, a relação entre teoria e prática fica mais transparente e as escolhas tradutórias, mais conscientes. A autora tem como objetivo produzir um texto em português brasileiro que prime pelo registro coloquial, característico do autor, pela reconstrução da rede de significantes e pela naturalidade da expressão em português.

Em “Amor, fidelidade e tradução de um conto de María Zayas”, Rosângela Schardong examina fragmentos da sua tradução do conto “La fuerza del amor”, que faz parte da coletânea *Novelas amorosas y ejemplares* (1637), de María de Zayas. Schardong chama a atenção para o papel inovador de Zayas enquanto uma das raras mulheres que publicaram no Século de Ouro Espanhol. A autora discute a escrita feminina, a narrativa moldura, a alternância no uso dos pronomes *tú* e *vos* como aspectos fundamentais a serem considerados no processo de tradução.

Ji Yun Kim apresenta, em “Tradução do ritmo: Romance coreano, *Aula de grego*” sua tradução para o segundo capítulo, “Silêncio”, do romance. A autora discute as repetições e os longos períodos em alguns fragmentos destacados da sua tradução. A tradução do coreano para o português brasileiro apresentada pela autora teve como objetivo a reconstrução do ritmo nos moldes propostos por Henri Meschonnic em *Poéticas do Traduzir*. Dessa forma, o texto-fonte não tem ou pretende

ter um sentido estanque, o processo de tradução contornando a dicotomia forma *versus* conteúdo; pelo contrário, entende forma e conteúdo como complementares e indissociáveis.

O artigo “*The Raven*: exemplo de tradução intersemiótica para um jogo eletrônico”, de Andréi Krasnoschecoff e Maria Silvia Cintra Martins, propõe, a partir da teoria da Semiótica da Cultura (Torop, 2000), uma tradução intersemiótica de texto verbal para jogo do poema “*The Raven*” (“O Corvo”), de Edgar Allan Poe. Os pesquisadores levam em conta métrica e rima (Britto, 2019) e forma imagística, bem como procuram manter a narrativa básica e inserir elementos adicionais retirados de dois outros contos de Poe, de modo a proporcionar ao jogo um formato mais condizente com esse gênero. O texto está repleto de excertos de tradução e de imagens do próprio jogo, que ilustram a argumentação apresentada.

O artigo “‘Nocturno’, de Delmira Agustini: diálogo, experiência e reflexão em tradução interlingual e intersemiótica”, os autores, Pablo Cardellino Soto e Maria Selenir Nunes dos Santos apresentam uma dupla tradução comentada do poema “Nocturno”, da poeta uruguaia Delmira Agustini. Os autores levaram a proposta de Berman de entender a tradução como experiência e reflexão ao seu auge ao trabalhar de forma colaborativa. Seguindo uma metodologia peculiar, traduziram primeiro o poema e depois fizeram a tradução intersemiótica do poema, enfrentando o desafio de passar da matéria linguística escrita para a matéria pictórica.

No artigo “Annotating Translation as a Meaningful Metacognition-Oriented Practice in the Translation Classroom” [“Tradução comentada como uma prática significativa para o desenvolvimento da metacognição na sala de aula de tradução”], os autores, Cynthia Beatrice Costa e Igor Antônio Lourenço da Silva, argumentam que o comentário de tradução pode ser uma prática eficaz na tradução de qualquer gênero e pode desempenhar um papel relevante desde o início do treinamento do tradutor. A partir do estado da arte na área, e baseados na própria experiência de ensino, os autores propõem que os comentários e anotações possam: a) ser realizados como parte da prática deliberada durante o processo de tradução; b) mostrar honestamente a discentes e docentes as dificuldades enfrentadas durante o processo; c) induzir *feedbacks* úteis; e d.) potencialmente melhorar a metacognição dos discentes.

O artigo “Reflexões sobre a tradução comentada como gênero acadêmico”, Gilles Abes problematiza o fazer tradutório. Ele elenca um conjunto de procedimentos teórico-metodológicos que possibilitam e originam os comentários de textos literários e reflete sobre o impacto dos comentários para o tradutor e os leitores. O autor teoriza ainda sobre notas de rodapé ou de fim de volume ou artigo, notas do tradutor, comentários de tradução, sem deixar de lado a questão editorial, que influencia a presença ou não deste tipo de paratexto.

O artigo “Cartografia de um comentário de tradução”, de Alba Escalante mostra como a tradução comentada é uma escrita cartográfica da zona de tradução. A autora, com o intuito de esboçar a cartografia de um comentário de tradução, se baseia em Lacan, ao considerar o território como o da tradução de teorias psicanalíticas e a zona de tradução que segue o rasto das pistas deixadas em situações em que se traduz *inmixing*.

O artigo “Más torcida que una escarpia: Traducción y transcreación en un poema al español de Dagmara Kraus”, de Leticia Hornos Weisz, analisa as operações envolvidas na tradução do poema “Kummerang” da poeta Dagmara Kraus (Polonia, 1981), traduzido para o espanhol por Micaela van Muylem e publicado na antologia de tradução (Frank, 1998) *El fin de la afirmación* (2015). A partir da teoria da transcrição de Haroldo de Campos, a autora examina as formas pelas quais as tensões representadas no poema de Kraus são resolvidas na língua e texto de destino através da invenção lexical e sonoridade.

O artigo “Isso também é tradução: alguns recortes do percurso da dupla sertaneja Chitãozinho & Xororó”, de Júlio César Ribeiro dos Santos e Maria Sílvia Cintra Martins, parte do conceito de tradução total (Torop, 2019) e dialoga com a semiótica da canção (Tatit, 2012) e a análise crítica do discurso (Fairclough, 1995, 2003) para estudar os textos de canção com vistas a recobrir a prática e objeto chamados de versão, releitura, regravação, adaptação e readaptação de modo não consensual mesmo no campo da Indústria Cultural. Vale a pena salientar que o texto traz ainda vários diagramas que expressam a relação entre a linearidade articulada da linguagem musical no que concerne à melodia e a linearidade duplamente articulada da linguagem verbal.

O artigo “Estudo preparatório para a tradução comentada de *The Turn of the Screw* de Henry James para o português do Brasil”, de Diana Costa Fortier, apresenta o estudo preliminar que fundamentou a elaboração de uma tradução comentada da novela, ou seja, um banco de dados para a elaboração do texto em português contendo um *corpus* das dez traduções publicadas entre 1961 e 2015 do Brasil, investigado com o auxílio de ferramentas computacionais de análise linguística.

O número fecha com Marie-Helene Torres resenhando *O istorie a traducerilor in limba romana secolul al xx-lea* (vol. I), de Muguras Constantinescu. Publicado pela editora da Academia Romena, em 2021, o livro é o primeiro volume da primeira história da tradução para o romeno do século XX. Torres apresenta o projeto desenvolvido por Constantinescu e outros dois professores, que trata a história da tradução como a história das relações de diversos parâmetros. A resenhista discorre sobre o volume de uma forma geral para, depois, abordar cada capítulo em seus pormenores, esclarecendo que o projeto prevê quatro volumes e a participação de 200 pesquisadores de diferentes nacionalidades.

Este número da *Revista de Letras* da UFC, atesta o interesse e a pujança da tradução comentada como área de pesquisa dos Estudos da Tradução no país. Esperamos que o número suscite discussões e desdobramentos para futuras pesquisas e publicações.